

## O CUIDAR E A NATUREZA EM TEXTOS DE HISTÓRIA DA SAÚDE HUMANA [The care and the nature in texts of health human history]

Elizabeth Teixeira\*

**RESUMO:** Estudo bibliográfico que tem como objetivo identificar as utilizações feitas pelas diversas sociedades humanas dos elementos da natureza. Ao longo do estudo vou denominando as diversas modalidades do cuidar humano de acordo com os períodos históricos e apontando as conexões com os diversos elementos da natureza. Nesta trajetória a diversidade do cuidar nas sociedades humanas torna-se evidente.

**PALAVRAS CHAVE:** Cuidados de enfermagem; Empatia; Cuidadores.

### INTRODUÇÃO

Partindo de pressupostos de Neves (1992) passo a refletir que sociodiversidade revela biodiversidade pois as sociedades humanas acabam construindo um aprofundado conhecimento sobre a biodiversidade biótica e abiótica dos ecossistemas onde estão assentadas e esta mesma biodiversidade pode ser utilizada diretamente pelas sociedades humanas em seu próprio benefício. Assim, passo a pensar que esta mesma sociodiversidade revela uma diversidade do cuidar, ou seja, diversas sociedades em diversos ambientes naturais constróem uma diversidade do cuidar.

Como estou construindo um modelo de cuidar local, em que as conexões com a natureza são eixos axiológicos, optei num primeiro momento enveredar por textos de história da saúde humana. Nestes textos identifico as utilizações feitas pelas diversas sociedades dos elementos da natureza e vou denominando as diversas modalidades do cuidar humano de acordo com os períodos históricos. O estudo é bibliográfico com ênfase em autores-historiadores da saúde e da medicina.

Segundo Bourdieu (1989), compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, os atos dos produtores e as obras por eles produzidas. Analisar a história do campo é a *única forma legítima da análise de essência* (idem, p.71).

Pretendo retornar à história do campo da saúde humana através da história da saúde e da medicina, mas por uma via muito especial, que é a da antropologia da história médica. Como a medicina trata de aspectos do homem então a antropologia da história médica me auxiliará na tentativa de compreender o homem e o ato de cuidar nos vários períodos históricos. Como estou em busca das multidimensões do cuidar e este ato é produzido por homens e também um produto para outros homens, vou, nesta aproximação e ao longo do percurso, destacar seus multielementos, ou seja, destacar seus produtores, os saberes, as práticas e ainda outros aspectos envolvidos como as dimensões sociais e naturais relacionadas ao ato de cuidar.

Para nortear a trajetória estarei utilizando o trabalho de Heidelberg (1977) como uma bússola mas outros autores-historiadores serão também interlocutores nesta caminhada reflexiva pelo tempo passado.

### TEMPO ARCAICO

Para Heidelberg (1977) há paradigmas históricos em relação a antropologia médica e o primeiro período é denominado arcaico. Neste período histórico a doença era externa ao homem. O doente era passivo e precisava passar por uma expiação e purificação. O agente profissional, o médico, era um mediador ou intermediário. Ter saúde era estar em paz com Deus. O centro do cuidar era uma terapêutica ritual/religiosa e cotidiana. As práticas visavam melhorar e curar, restaurar. Não havia uma fisiologia e uma patologia para fundamentar as ações. O cuidar era um ritual religioso cotidiano *constituído pelo comer e o beber, pelo dormir e pelo coito conjugal, pelo trabalhar e pelo festejar* (idem, p.139).

### TEMPO ANTIGO

O cuidar no período antigo mitológico foi primeiramente observado para com os mortos, como apareceu nos poemas de Homero e em A Ilíada, em que são mencionados os campos de urnas, as máscaras mortuárias e etc. A medicina era a arte de curar e a arte do povo. No cuidar dos deuses usavam-se drogas e elementos da natureza, como a seiva do figo (Scliar, 1996).

\* Livre-Docente em Enfermagem. Professora Adjunto IV de Metodologia Científica da UEPA e UNAMA. Doutoranda em Desenvolvimento Sustentável na NAEA-UFPA.

O Grande cuidador e curador mitológico foi Esculápio. Ele tinha 3 deusas ou sacerdotisas médicas, que eram a Hygieia, que cuidava da saúde; a Panacea, que curava todos os males e Pallas Athena, que protegia a vida e legislava sobre higiene. Os templos eram os hospitais, para onde iam os doentes. Lá eles recebiam os cuidados através de banhos e dietas vegetarianas, tomavam poções e iam para as incubadoras, ficando 24 horas aos pés da estátua de Esculápio.

**No cuidar do período antigo grego**, a fisiologia elementar e a patologia humoral já estavam presentes. A medicina tinha funções harmonizadoras e mediadoras. O alvo era o corpo, que era *como imitação do universo ...um pequeno mundo com todas as relações lábeis de equilíbrio* (Heidelberg, 1977 p.140).

Ter saúde era estar em equilíbrio com a natureza. As relações homem-natureza, homem-tempo e homem-meio ambiente foram destacadas. Ter saúde era ter equilíbrio ou simetria com as forças da natureza (*res naturales*) mas sempre ultrapassar esta natureza para englobar todas as condições de vida e da sociedade, como numa condição holística. O ato de cuidar era assim um cultivar do corpo e do ambiente num enfoque holístico e o saber necessário era aquele especial *utilizado eficazmente para a construção da vida humana*.

A obra hipocrática está sempre em debate, principalmente sobre se Hipócrates seria o único autor de todas as obras ou se haveriam vários autores. A segunda hipótese é a mais provável para Jaeger (1995). Para o autor houveram autores médicos que já desenvolviam no século V a.C. a ideia da isonomia, ou seja, *o estado são e o normal depende de um organismo e da natureza no seu conjunto* (idem, p.1006).

A obra de Hipócrates mantinha conexões com a natureza, pois destacava as estações do ano, os ventos, as águas, o sol, o solo, o clima e os astros. No livro Da Doença Sagrada, que era a epilepsia, haviam relações diretas e de dependência entre causas naturais e enfermidades. As obras apontavam dois tipos de agentes ou cuidadores, que eram os leigos e os profissionais. Os leigos (não-iniciados) eram denominados como membros do Demos e entre eles acentuava-se o caráter manual do cuidar. Os profissionais (iniciados) tinham acesso aos mistérios do saber e desenvolviam um cuidar sagrado. Daí, surgiram duas literaturas, uma para as pessoas estranhas a profissão e uma outra para os profissionais. Havia também dois fazeres que se destacavam: um cuidar para tratar-curar e um cuidar para ensinar-prevenir. Tais questões foram destacadas por Platão, que considerava o ensinar *o ideai da terapêutica científica*. Para Platão

*O médico é o homem que, baseado no que sabe sobre a natureza do homem são, conhece também o contrário deste, ou seja, o homem enfermo, e portanto sabe encontrar os meios e os caminhos para restituí-lo ao estado normal* (idem, p. 1027).

A saúde era a natureza que era a própria saúde. As duas não se separavam no pensamento médico grego e nem no pensamento grego de uma maneira geral. A natureza era entendida como força propulsora e espontânea e os médicos de são tinham uma missão educativa e um cuidar para ensinar, que tinha no corpo e nas dietas o seu grande alvo.

Na obra de Hipócrates denominada De um Regime de Vida Saudável, a dieta surgiu como a grande reguladora da saúde humana, aliada aos esforços físicos pois *a regulamentação da dieta para pessoas saudáveis abrange a alimentação e os esforços físicos indicados para as diferentes épocas do ano e para as diferentes regiões, constituições, idades e sexos* (Jaeger, p.1042). Na obra Da Dieta se destacava o papel do cuidar individual ou cuidar de si. Os minerais e os vegetais eram destacados para a manutenção da saúde. O azeite foi mencionado para ser usado nas fricções a para evitar o aquecimento do corpo. Também nesta obra encontramos a conexão homem-animal pois nela havia um sistema zoológico para fins médicos. Nesta verdadeira teoria da dieta, segundo o autor, o dia era uma unidade cronológica natural. Tal teoria teria sido proposta pelo médico Ríocles. Neste pensamento o adequado para a saúde humana era a justa medida. O dia natural era o desenrolar da vida e onde os cuidados eram desenvolvidos. Citam-se ainda cuidados para os dentes, nariz, ouvidos, cabelos etc. Citam-se também os exercícios, os banhos, as ginásticas e todos os cuidados matinais para com o corpo.

Na obra Das Epidemias, ainda de Hipócrates, que continha 7 livros, constatamos as novas bases empíricas da medicina, que se baseavam em histórias clínicas e observações, que eram como pontos de apoio para a memória dos agentes cuidadores. Também neste período emergiu o conceito de tipos da natureza humana, que pensavam o homem e o processo saúde e doença a partir de determinadas formas, predisposições, doenças etc. As bases empíricas apontavam que a saúde era a harmonia das partes/forças e a doença a dissociação destas partes/forças.

*Todavia, o que na Medicina era filosoficamente fecundo não era a reprodução servil das anteriores teorias sobre a natureza, por parte de certos médicos, mas sim o modo original e verdadeiramente criador como os mais aptos dentre eles se esforçavam por compreender a natureza, partindo de um fragmento da natureza total, que ninguém antes deles perscrutaram*

*tão profundamente e com tão clara visão, para lhes descobrir as leis próprias (Jaeger p. 1027).*

Outra obra do *corpus hipocraticum* é Da Medicina Antiga, que estabelecia as normas preventivas que todos deviam seguir e que eram pautadas nas experiências pessoais daqueles que adoeciam. Na obra Da Natureza do Homem encontramos uma teoria de caráter geral sobre a essência da doença.

A grande lição dos gregos está relacionada as três virtudes destacadas por Platão, que eram físicas: a saúde, a beleza e a força, e que, junto com as virtudes da alma: a piedade, a valentia, a moderação e a justiça, constituíam o próprio homem:

*A igualdade e a harmonia constituem a essência da saúde e de toda a perfeição física em geral, o conceito de são é ampliado até formar um conceito normativo universal aplicável ao mundo e a quanto nele vive, visto serem as suas bases, a igualdade e a harmonia, as potências que, segundo a concepção de que se parte aqui, criam o que é bom e justo em todos os níveis da vida. (JAEGER, 1995 p. 1059).*

Para Antiseri & Reale (1990) a obra da medicina antiga é o próprio manifesto da medicina hipocrática. A natureza, nesta obra, está em tudo e nela, tudo está misturado. Tal ideia é oriunda de Anaxágoras que dizia que tudo está em tudo. O homem como ser físico e concreto se relaciona todo o tempo com o meio e com a natureza, nos afirma a obra hipocrática. Esta obra se pauta no aforismo *a vida é breve, a arte é longa, a ocasião fugaz, o experimento arriscado, o juízo difícil* (idem, p.118). A obra, afirma o autor, faz referência também a prognose, o que trouxe para o cuidar a dimensão temporal e assim o passado, o presente e o futuro deveriam ser considerados quando pensássemos numa ação terapêutica para o homem.

O **cuidar em Roma** é desenvolvido pelos médicos gregos, que eram escravos e denominados de *servus medicus*. Eles cuidavam dos romanos com bases gregas. Os ensinamentos da Escola de Cós e da Escola de Alexandria difundiram-se no império romano (Scliar, 1996).

Coube a Galeno, que viveu de 138 a 201 d.C, impulsionar a arte-ciência de curar e também avançar com experimentações e observações práticas a obra de Hipócrates, seu grande mestre. Segundo Scliar (1996, p.41) Galeno via *a natureza como uma forma de energia dirigida para um fim precípua, que cabia aos médicos descobrir.*

O **cuidar antigo nas sociedades do oriente** é do tipo místico-sacerdotal e se constituiu em várias sociedades distribuídas ao longo das terras do oriente (Scliar, 1996).

**No Budismo, entre os Hindus, na Índia** usava-se drogas desenvolvidas tendo por base algumas plantas. Os

cuidados eram os banhos, as dietas, as inalações e as sangrias. Tinham hospitais e um quadro de enfermeiros, o que aponta para um primeiro trabalho em equipe. No tratado de medicina conhecido como *Charaka* surgem os quatro elementos do cuidar: o médico, as drogas, os enfermeiros e os pacientes. Nos Vedas saúde e doença são de um mundo místico. Encontramos registros de higiene do meio e ações sanitárias coletivas.

Scliar (1996), informa que o *Charaka Samhita* continha 8 volumes e o *Susruta Samhita* 6 volumes e ambos eram as obras clássicas dos hindus. Na *Susruta* haviam cerca de 700 remédios vegetais. Para as epidemias deveriam cuidar com alimentos e água.

**Na China** o cuidar é promovido por ações teúrgicas, dogmáticas e astrológicas. *A natureza tinha para cada enfermidade um remédio que atuava especificamente* (Rezende, 1986 p.36). No Nei-tsing, um tratado médico escrito entre 2698-2598 a.C. pelo imperador Huang-ti revela-se que ter saúde é manter em equilíbrio o Yin (princípio feminino, correspondente a lua, a terra, a escuridão, ao úmido, ao frio) e o Yang (princípio masculino, correspondente ao sol, ao céu, ao seco e ao quente).

Há registros que eles usavam o ópio, o caulim, óleos e as famosas agulhas de prata, ouro e ferro (a acupuntura). Também usavam o fogo, para fazer a moxobustão ou cauterização da pele (Scliar, 1996)

**No Egito** o cuidar era desenvolvido através de práticas que eram exercidas por sacerdotes-médicos e por mulheres templárias. Havia hospitais e ambulatórios para atender os doentes (Scliar, 1996).

**Para o cuidar Assírio-Babilônico, na Mesopotâmia,** haviam os curadores fazedores e os sabedores. As Tábuas encontradas continham 250 ervas terapêuticas listadas e 120 substâncias minerais que eram relacionadas a saúde e a doença. O Código de *Hamurabi* e suas leis prescreviam como cuidar e com que terapêuticas (Scliar, 1996).

**No Judaísmo** encontramos a *ênfase na preservação da vida e da saúde como preceito religioso e não simplesmente como opção ...os cuidados que devemos ter para conosco para preservar a saúde* (Landmann, 1993 p.19). No primeiro livro de tradição escrita, a Bíblia, encontramos sobretudo medidas preventivas e sanitárias. O sacerdote e o indivíduo, juntos, atuam em prol da saúde tendo por base as regras de pureza e de limpeza.

Segundo o autor, usam-se metais, como o ouro, a prata, o cobre e o ferro, com destaque para a serpente de metal, um dos símbolos de força. A água é usada para as práticas de limpeza. As plantas produzem os medicamentos medicinais herbais. Os cuidados são purificadores de si e tomando por base os saberes humanos. É um cuidar tanto do corpo quanto da mente, tanto do indivíduo quanto do

meio. Os órgãos do corpo tem sentimentos pois o coração se entristece, o fígado é sede de paixões violentas e assim por diante. A doença pode ser positiva como uma benesse para purificar e negativa como um castigo. Para enfrentá-las usa-se o saber humano e o saber de Deus. Os cuidados religiosos-rituais são oriundos do saber de Deus e os purificadores do saber dos homens.

No segundo livro, de tradição oral, o *Talmud*, encontramos novos preceitos para cuidar da saúde. Os cuidados naturais, com ervas e raízes mais os cuidados sobrenaturais, com rezas, manobras místicas e amuletos. Os dois agentes encontrados são o médico e o cirurgião. O sangue é tido como a própria vida.

Os elementos da natureza, como o *clima, o ar puro e a luz do sol eram grandes fontes de saúde* (Landmann, p.53). Também existem os cuidados preventivos e saneadores do meio.

### TEMPO MEDIEVAL

Heidelberg (1977), caracteriza a idade média a partir de uma medicina árabe e outra latina. **No mundo árabe** encontramos um cuidar misericordioso. A medicina é a ciência da felicidade do corpo e a teologia é a ciência que cura o homem inteiro. Surge aqui uma segunda força para manter a saúde, que é a religiosa e definida nos livros sagrados como o Corão. A saúde é o equilíbrio do corpo e da alma. O cuidador médico o especialista no setor do corpo, do sentimento, do espírito e das relações sociais. Há que se buscar o equilíbrio somático-espiritual. O cuidar é um sentido corpo-espírito mas adequado para cada situação.

**No mundo latino** a medicina é a súpula de todas as artes “liberales”. A saúde do organismo depende das alterações que se registram no macrocosmo. Os saberes do médico são voltados para o corpo, e este é tido como essência e sinal de Deus e o homem um ser passivo e uma criatura frágil. As categorias do cuidar são a constituição, a destituição e a restituição. A doença é uma falha e um déficit ontológico. O cuidar é um ato de misericórdia e a doença um *status deficiens*, de caráter transitório. A cura será uma ação transformadora e o médico o coordenador ou moderador desta ação (Heidelberg, 1977).

### TEMPO RENASCENTISTA

Para Heidelberg (1977) o período seguinte a idade média é *tempos novos* e a grande figura é Paracelsus. Neste período o homem entra em ação pela primeira vez, pois *é também um operário vigilante que trabalha na natureza do seu próprio corpo, cuja luz serve de guia ao médico* (idem, p.146).

Para Paracelsus o médico deve ser um experimenter do corpo humano e o corpo é entendido como uma

obra. O saber é para interpretar o corpo, para *ler o pulso no firmamento, a fisionomia nos astros, a quiromancia nos minerais, a respiração nos ventos, a febre no terremoto* (idem, p.147). O cuidar é uma ajuda e ainda um ato de misericórdia, como na idade média, e ainda desenvolvido predominantemente pelas igrejas.

Para Scliar (1996) a renascença é marcada pelos descobrimentos e novas doenças, como a sífilis. Para esta doença o primeiro remédio utilizado foi o guaiaco, um produto vegetal vindo das Américas. Outro remédio usado era o mercúrio. Diz-nos o autor *o uso do mercúrio no tratamento da sífilis ocorre num momento em que o ocidente, como jano, o deus bifronte, olha em duas direções, para o místico e para o científico* (idem, p.63).

### TEMPO LATINO-AMERICANO

Acquaviva (1995), membro do South American Exploress Club, de Lima, Peru, em sua etnologia e arqueologia dos povos latino-americanos, nos revela alguns aspectos sobre as culturas latinas e também algumas características de sua ancestral arte de cuidar da saúde humana que acreditamos poderá ampliar esta nossa incursão pela história do cuidar.

O autor revela que na Bolívia, em um lugar de fascínio e mistério, em uma antiga e abandonada cidade de pedra chamada *Tiwanaku* esconde-se *um dos mais fascinantes e misteriosos sítios arqueológicos do mundo*. Os antigos habitantes (Pré-colombianos) deviam gozar de uma medicina muito adiantada pois o autor refere que foram encontradas incisões em esqueletos que sugerem intervenções cirúrgicas. Estes habitantes devem ter influenciado muitos outros na região, como os Callawayas, que até hoje *preservam entre si um idioma secreto e sofisticados conhecimentos de medicina* (idem, p. 16).

Nas florestas, os vários tipos de curares, um veneno mortal, eram usados em flechas por índios de várias regiões da Pan-Amazônia. Estas substâncias eram extraídas de plantas do ramo *Strychnos*. Um veneno similar ao *curare*, chamado *Timbó* ou *Tinguy*, extraído do suco amargo da cortiça, também era conhecido dos índios latino-americanos.

*Já é hora, aliás, de lembrar que os indígenas sul-americanos da Amazônia sempre foram conhecedores incomparáveis dos segredos da flora, especialmente na confecção de alucinógenos e venenos de caça. Não foi por acaso que Imbelloni chamou o Alto Amazonas de província dos venenos* (idem, p.53).

No México a vida humana era o maior bem e mais precioso entre os Astecas e era agradecida aos deuses e ao sol, que eles adoravam em muitos rituais. Tais agradecimentos eram através de sacrifícios humanos.

Também os Maias faziam sacrifícios humanos mas por razões da natureza, ou seja, *quando as chuvas escasseavam, e o espectro da seca se abatia sobre a região, os habitantes das cercanias da cidade atiravam dentro de um horrendo poço ....objetos de valor e também seres humanos (homens, mulheres e crianças)*. Este poço era conhecido como poço dos martírios.

## TEMPOS MODERNOS

Para Heidelberg (1977), a modernidade pode ser estudada em três dimensões históricas: os séculos XVII e XVIII; a medicina romântica do século XIX e a época atual, que se desdobra tendo por base o pensamento de Marx, o pensamento da medicina científica e numa nova etapa com o pensamento de uma antropologia médica.

É nos séculos XVII e XVIII que surge a concepção do corpo-máquina e o cuidar como um tratar mecânico. O homem dual corpo e mente exige um cuidar também dual, ou seja, um tipo de cuidar para o corpo e um outro para a mente. Também serão necessários diferentes cuidadores para darem conta desta dualidade humana moderna.

Para SCLiar (1996) há na modernidade um conjunto de novas explicações que fazem com que o mecanicismo, precursor da revolução industrial, tenha sua entrada na medicina moderna. Apesar deste predomínio o autor refere que as trilhas paralelas sempre permaneceram a margem do discurso oficial. Ele destaca René Descartes exatamente por causa do *Tractatus de Homine* onde o corpo humano é visto como uma máquina ativada pelo calor coletado do sangue. Neste período nasce então um novo cuidar e são formuladas as bases científicas do fazer em saúde, que se alia cada vez mais aos novos instrumentos, como o microscópio.

*No fim do século XVIII e começo do XIX os métodos quantitativos nas ciências em geral e nas ciências humanas em particular ampliam-se* (idem,p.146). A medicina fica descrita em tábuas, em números, em leis gerais. O corpo passa a ser medido, estudado pelos seus ciclos e variações. O cuidar é também prescrição exata, quantitativamente certa e na medida certa (o grama, o ml, a gota etc).

Apesar do predomínio destas ideias houveram, como refere Scliar (1996), as trilhas paralelas. Vejamos algumas delas mencionadas no seu texto.

Na trilha do meio ambiente, Bernardino Ramazzini fundou a medicina ocupacional e pensou a saúde relacionada a ocupação do indivíduo, a saúde se relacionando com os elementos do meio (minerais, químicos etc).

Na trilha de Hipócrates e ao lado do doente temos Thomas Sydenham que acreditava no poder curativo da natureza e usava a tintura do ópio e o quinino (a casca da planta) pois valorizava o meio ambiente na transmissão e cura de doenças.

Na trilha da prevenção temos o médico Edward Jenner que introduziu a vacina contra a varíola, o que abriu os caminhos para se pensar num cuidar preventivo, onde poderemos então evitar as doenças.

Na trilha das políticas públicas de saúde vale destacar Johann Peter Frank que em seu sistema de uma política médica integral, apontou a saúde de seus cidadãos como um dever do Estado. Para ele, que chegou a ser diretor geral de saúde pública para a Lombardia austríaca a *causa do baixo nível de saúde estava na estrutura social* (idem, p.143). Foi o primeiro a conceber a saúde pública como uma forma de política.

No século XIX, a medicina romântica do tempo de Goethe considera as doenças apenas como transições e transformações, que favorecem a potencialização da própria existência. Há uma nova valorização do corpo e a saúde começa a ser vista como uma ordem moral do mundo. A própria vida passa a ser outorgada pelas leis da natureza e pelas ciências naturais. O cuidar é um cultivar, e os homens estando no centro, vivos, como unidades, são parte da natureza mas não somente isto; estão libertos da natureza e por isso responsáveis por seu rumo e suas vidas.

Benjamin Ward Richardson, abre uma nova mentalidade sanitária no século XIX com sua obra *Higiéia: uma cidade de saúde, ele fala de uma cidade/sociedade sem álcool, sem tabaco, sem fumo* (Scliar, 1996 p.169). Para o autor, neste período a higiene corporal ganha destaque.

Um novo rumo na medicina moderna é dado no final do século XIX quando em 24 de março de 1822 Koch informou à *Sociedade de Berlim que tinha descoberto o bacilo causador da tuberculose* (Scliar, 1996, p.177). Tal demonstração da existência de microorganismos predadores alheios ao organismo foi uma revolução no pensamento sobre saúde e doença.

Também neste período encontramos algumas trilhas que ampliaram em muito as concepções de saúde e doença bem como aquelas relativas ao ato de cuidar.

Na trilha da prevenção temos Ignác Semmelweiss que introduziu na enfermagem de obstetrícia a rotina de lavagem das mãos com solução clorada. Nesta mesma trilha Joseph Lister estudou as infecções cirúrgicas e vencendo a *resistência de alguns médicos, a anti-sepsia com spray de ácido carbólico foi sendo introduzida na prática médica* (idem, p.154). Mas foi o dramaturgo inglês George Bernard Shaw que estabeleceu verdadeiros conselhos para uma boa saúde naturista. Ele acreditava que uma vida sadia é a melhor proteção contra a doença. Uma síntese de seus conselhos:

*Não tente viver para sempre. Você não o conseguirá. Use sua saúde até gastá-la. É para isso que você a tem. Gaste-a toda antes de morrer. Tenha cuidado em nascer bem e em ser bem criado. Sua mãe deve receber bom*

*cuidado pré-natal. Você deve ir a uma escola onde haja uma clínica, e onde cuidarão de sua visão, de seus dentes e de sua nutrição. Mas tome cuidado para que tudo isso seja feito às expensas da nação, porque você jamais conseguirá pagar tamanha despesa (Scliar 1996, p.240).*

Suas palavras são de uma pessoa que tem visão de saúde pública, de cidadania, de prevenção e promoção da saúde, de direito a saúde e ao cuidado de saúde, enfim, de qualidade de vida.

É também no século XIX, na trilha do cuidar do doente e não da doença, que encontramos a pioneira da enfermagem moderna Florence Nightingale que segundo o autor *abriu um dos caminhos pelos quais a enfermagem se tornaria uma profissão cientificamente estruturada*, (idem, p.232). Outra enfermeira que se destaca nesta trilha é Margaret Sanger com sua consciência da questão social ligada aos problemas de saúde. Ela vai destacar para o mundo o problema do planejamento familiar.

Neste século XX, para Heidelberg (1977), há uma fase de domínio do pensamento de Marx. Nesta fase o cuidar é trabalho pois *os homens têm sempre uma natureza histórica e uma história natural*. O cuidar é então um trabalho histórico sobre a natureza, parte de uma história natural, considera o trabalho do homem sobre a natureza e valoriza a ação do homem neste contexto. **A** meta da medicina será atingir *o homem social sadio* (idem, p.156). Na fase do pensamento científico natural, anos 10 e 20, há um destaque para Virchow e a unidade do homem a partir da célula. Neste momento a natureza é uma rede de nossas relações face a uma regularidade ou lei natural. O médico deve construir suas regras da natureza das próprias coisas. **A** medicina reúne leis que podem reger o corpo e o espírito.

Na fase de uma antropologia médica, anos 30 e 40, o homem passa a ser sujeito e há doentes e não doenças. **A** intervenção do médico será para sanar, curar e obter a normalização. Haverá uma medicina com ênfase na relação médico e doente e a história vital será a referência para o cuidar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociodiversidade humana deve merecer tantas defesas quantas aquelas que são direcionadas à

biodiversidade pois a manutenção de ambas como complexos co-adaptados pode se constituir num novo paradigma socioecológico para o novo milênio. Uma antropologia na saúde emerge como possibilidade e um cuidar etnoecológico urge para atender aos novos desafios colocados. Homem e natureza estão irremediavelmente ligados e por isso mesmo o cuidar humano, em toda a sua diversidade, precisará dar conta das conexões com a natureza e ser operacionalizado no local de vida ou habitat de cada indivíduo, grupo e comunidade.

**ABSTRACT:** Bibliography study pron whose objective is to identify the use for the diversers humans society of the nature. In the study denomination's the diversers type of the human care of in accordance with the histories periodes and aimdo the connections with the diversers elements of the nature. In this study the diversity of the care in the humans societies is evident.

**KEY WORDS:** Nursing care; Empathy; Caregivers.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACQUAVIVA, M. O **Lendas e tradições das Américas**. 2.ed. São Paulo: Hemus, 1995.
2. ANTISERI, D. & REALE, G. **História da filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1990. v.6.
3. BOURDIEU, P. O **Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
4. HEIDELBERG, H.S. Aspectos de medicina humana. In: GADAMER-VOGLER. **Nova Antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural**. São Paulo: EPU-EDUSP, 1977. v.2.
5. JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
6. LANDMANN, J. **Judaísmo e medicina**. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
7. NEVES, W. Sociodiversidade e biodiversidade: dois lados de uma mesma equação. In: ARAGON, L.E. **Desenvolvimento sustentável nos trópicos úmidos**. Belém: UNAMAZ, 1995. v.2.
8. REZENDE, A. L. M. **Saúde: dialética do pensar e do fazer**. São Paulo: Cortez, 1986.
9. SCLIAR, M. **A Paixão transformada: história da medicina na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Endereço do autor:  
Rua Municipalidade, 949/1001 - Umarizal  
66050-350 - Belém - PA